

## Conjugalidades Longevas: os vínculos amorosos de casais homoafetivos

Long-Lived Conjuality:  
the loving bonds of homoaffective couples

Déa E. Bertran

Universidade de São Paulo

---

**Resumo:** Este artigo objetivou compreender como casais homoafetivos longevos, com mais de 30 anos de vida em comum, um masculino e um feminino, com a assunção de suas homossexualidades e lesbiandades em contexto social patologizante, conseguiram construir suas conjugalidades independentemente dos apoios familiares e institucionais, tidos como fundamentais para o casal se estabelecer. Ao analisar a conjugalidade homoafetiva na meia idade, procurou-se conhecer como seus integrantes vivenciaram o legado heteronormativo que receberam, bem como as dinâmicas psíquicas que estruturaram a díade. A pesquisa foi exploratória, com enfoque clínico-qualitativo, com entrevistas semiestruturadas feitas com a díade, com inferências a partir da análise de discurso, sob a psicanálise vincular e de casal. Os resultados mostraram um vínculo com característica fusional no casal de mulheres, porém com desenvolvimento individual de ambas, enquanto o masculino apresentou respeito às diferenças, com períodos alternados de fusionalidade e alteridade. Nos dois casais, havia similaridade de investimentos e cumprimentos de acordos. A análise demonstrou que as alianças amorosas homoafetivas podem ser construídas e permanecerem estáveis mesmo quando vivenciadas no anonimato e sem apadrinhamento social. A pertinência desta pesquisa está na atualização de conceitos clínicos e de manejo, para que se possa ter uma clínica inclusiva aos novos modelos amorosos.

**Palavras-chave:** casais homoafetivos; conjugalidade longaeva; psicanálise vincular.

**Abstract:** The aim of this study was to understand how long-term homoaffective couples that have over 30 years of life in common, one male and one female, and had recognized their homosexuality and lesbianity during a pathologizing social context, managed to build their conjugalities independently of family and institutional support, considered essential for the couple to establish themselves. When analyzing homoaffective conjuality in middle-age, it was sought to understand how its members experienced the heteronormative legacy they received, as well as some of the psychic dynamics that structured the dyad. This is a clinical-qualitative study, based on semi-structured interviews conducted with the dyad, with inferences from discourse analysis, by the psychoanalysis of linkage and couple. The results revealed a bond with a fusional characteristic in the female couple, but with individual development of both, while the male showed respect for the differences, with alternating periods of fusionality and alterity. In both, there was a similarity of investments and of honoring agreements. The analysis showed that homoaffective

love alliances can be built and remain stable even when they are lived in anonymity and without social sponsorship. The relevance of this research is to update clinical and management concepts in order to have a clinic to new loving models.

**Keywords:** homoaffective couples; long-lived conjugality; psychoanalysis of linkage.

---

## Introdução

Na contemporaneidade, há novas expressões de conjugalidade e de sexualidade, e questionamentos sobre a construção da identidade, do gênero e do próprio sexo (Butler, 2020). As manifestações amorosas passaram a não mais se ocultar sob a repressão e patologização das décadas passadas, em parcerias alternativas ao modelo clássico conjugal (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2016; Ribeiro, 2016). Dentro de tal amplitude, pesquisas indicam que a conjugalidade, aqui entendida como “uma relação social que condensa um “estilo de vida”, fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo cotidiano” (Heilborn, 2004, p. 12), é um desejo que permanece ligado a ideais de satisfação e de felicidade vividos em par (Rosado, Barbosa, & Wagner, 2016). Mas atualmente o casamento já não representa o primeiro objetivo da vida das pessoas, vindo em sequência à obtenção de autonomia financeira e profissionalização (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2016). Entretanto, ainda motivou que, em 2018, no Brasil, 1.053.467 pessoas se associassem em parcerias civis heterossexuais, enquanto as uniões homoafetivas totalizaram 9.520. Segundo os últimos dados colhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrou-se cerca de 60 mil casamentos entre pessoas do mesmo sexo desde que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) dispôs sobre o tema em maio de 2013.

Fonte de alegria ou de conflito, as relações amorosas ocupam espaço considerável na vida humana - e a satisfação conjugal depende de uma qualidade imprescindível: a da adequação entre os entes da díade. Com ela, decorre a expressão afetiva, a habilidade no uso da linguagem enquanto diálogo e acertos, o sentido de coesão que une o casal, a intimidade (Goulart, Oliveira, Scorsolini-Comin, & Santos, 2019). Quando instados a

expressar o que pensam sobre as uniões amorosas, homens e mulheres reputam o amor como ingrediente privilegiado das mesmas, entendido como substrato para relações de companheirismo, respeito e cumplicidade, propiciando outro valor agregado de grande importância, o do crescimento pessoal, conforme Carpenedo & Koller (2004, p. 3): “o companheirismo é a peça chave nos relacionamentos amorosos atuais. As diferenças entre os parceiros devem enriquecer a relação e não causar discórdia. As pessoas não precisam se submeter a papéis preestabelecidos”.

Os dados são referentes a uniões entre pessoas de sexos diferentes, já que o matrimônio é uma instituição historicamente heterossexual (Rubin, 2018). No século XX instaurou-se o casamento moderno, em que havia livre escolha do par e o amor passou a ser condição para a sua constituição (Campos, Scorsolini-Comin, & Santos, 2017), porém ainda preso aos rígidos papéis da estrutura nuclear patriarcal: homem-marido-pai-provedor e mulher-esposa-mãe-dona-de-casa. Tal conjuntura será questionada e transformada com as contribuições do feminismo, da psicanálise e das ciências sociais, com o desenvolvimento dos estudos de gênero, em caráter interdisciplinar, o que têm alterado o entendimento sobre a configuração social e política do mundo contemporâneo (Rodrigues, 2017).

A partir do período do pós-guerra um novo olhar foi exigido dos psicólogos e psicanalistas das teorias de casal e família, com atualização de seus manejos no setting, decorrente das transformações sociais vindas do uso da pílula anticoncepcional, o que permitiu às mulheres escolher entre a maternidade ou a entrada mais expressiva na vida pública, até então restrita aos homens, a possibilidade de dissolução dos casamentos e a própria criação dos filhos (Pires, Berger, Fiorini, & Gastaud, 2016). A Psicanálise Vincular, ou das Configurações Vinculares, pretendeu, assim, a ampliação da metapsicologia freudiana em mais uma tópica - concedeu ao vínculo um espaço de realidade psíquica, entendendo-o como um dos pilares da formação do sujeito do inconsciente (Kaës, 2014).

Dessa forma, instaurou-se a possibilidade de dimensionar o funcionamento do aparelho psíquico dentro da lógica intersubjetiva, além das introjeções intrapsíquicas quando do nascimento - o contato com o meio predisporia a criança à absorção das bases culturais inconscientes, bem como do legado familiar em que ela se originou. Assim, pelas interações intra e interpíquicas, a pessoa se constituía, sempre singular ao grupo, dele distinto, embora nele absorvido (Oliveira, 2019).

Com o desenvolvimento deste conceito, “vínculo” não foi mais entendido como relação entre sujeitos e objetos, e, sim, entre dois ou mais indivíduos que estabeleciam entre si um elo estável (Gomes, 2017). Um tipo de funcionamento com influências recíprocas e determinações psíquicas que se edificavam no encontro de dois ou mais, consistindo em três elementos: além de um e outro, de dois polos ou dois eus, havia um conector ou intermediário (Berenstein, 2011).

Porém, para a sua consolidação, foi reconhecido que os vínculos, para serem constituídos, devem receber o aval das três instâncias sociais, o próprio casal, sua família e as instituições, a partir de um mecanismo que conjuga o desejo de se estar unido a alguém (Kaes, 2001). Essa vontade, a princípio unitária e singular, está sedimentada em determinada estrutura psíquica que, por sua vez, afina-se com outra que a ela seja pertinente. A ampliação dessa perspectiva teórica possibilitou observar que a soma das duas individualidades em uma parceria amorosa implicava outra instância, que não somente a consciente, e, assim sendo, trazia à cena também os elementos ocultos, negados e reprimidos (Oliveira, 2019).

Podemos dizer, então, que os dois que se encontram são, em si mesmos, muitos, pois trazem consigo, em registros conscientes ou inconscientes, as vivências que tiveram até aquele momento, bem como todas as projeções neles feitas por aqueles que os antecederam, assim como as introjeções dos conteúdos provindas do meio ambiente. Logo, existe a ocorrência de três estruturas inconscientes que se apresentam nas

entrelinhas latentes das falas, além da individual - a familiar e a da época em que o encontro aconteceu (Pignataro, Féres-Carneiro, & Mello, 2019).

Em nossa análise de dados foi utilizada a categorização do tipo de vínculo do casal desenvolvida por Puget e Berenstein (1993), segundo um ponto de vista desenvolvimentista, que se localizaria num contínuo entre a indiscriminação ou enamoramento fusionado até atingir o espectro oposto, quando os integrantes do par estão discriminados e movimentando-se por meio da autonomia. Nesta visão topológica, foram verificadas a existência de duas modalidades estruturais, dinâmicas, com referência ao vínculo: a modalidade dual, na qual se infere existir certa imaturidade vincular que leva à dependência e não à autonomia entre ambos, e a de terceiridade.

Na estrutura dual, há um investimento que se estabelece sobre o vínculo fusionado, ou seja, concebido a partir de idealizações recíprocas, e que pressupõe alguns formatos baseados nas similitudes entre o par. Na terceiridade encontramos duas formas: na limitada, ainda se prevê a existência de um vínculo que expressa dualidade, existindo, porém, uma brecha para um terceiro simbólico. Este “terceiro” pode ser fantasmático; o que importa é a sua função defensiva de não deixar que os dois do par se dissolvam na indiscriminação. Já na terceiridade ampla, um existe na representação interna do outro e, portanto, não há aniquilamento ante a exclusão; a linguagem é uma aliada, na medida em que permite que desejos possam ser expressos, compartilhados ou negociados - o outro não está como espelho, sombra ou suporte, e sim como diferente. Os dois vivenciam a cotidianidade de forma compartilhada, estando o projeto de vida unificado em torno de um terceiro, no mais das vezes, o filho, mas não só, podendo prosseguir no desenvolvimento dos componentes do casal (Gomes, 2017).

Os conceitos desenvolvidos para acolher os conteúdos conjugais e familiares, porém, não incluíram as uniões homoafetivas; ao contrário, em muitas oportunidades a categorizaram como marginais por não estarem inscritas na legitimação da diferença sexual (Pombo, 2019). Para os casais homoafetivos este dado é de extrema importância,

porque há a possibilidade de se introjetar valores, a partir dos preconceitos sociais, não constitutivos das identidades homossexual e lésbica, com a possibilidade de se expressar em homofobia internalizada ou auto-homofobia (Cerqueira-Santos, Silva, Rodrigues, & Santos, 2016). O sentimento da pessoa de não estar de acordo com a norma, de existir algo em si mesma dissonante do rumo afetivo esperado, pode vir a comprometer a qualidade de sua autoestima (Clemente, 2018).

Grande parte dessa invisibilidade foi construída pelo universo científico, bem como pela psicanálise (Bulamah, 2016; Stona, 2021) - a força da heteronormatividade, conceito que diz respeito ao regramento da conduta sexual estabelecida entre homens e mulheres, está presente na maioria das doutrinas religiosas, instituições de ensino e trabalho e, fundamentalmente, nas famílias (Dacorso, 2016). Naturalizou-se como única e legítima a conjunção entre um homem e uma mulher, relegando a homoafetividade às conjugalidades dissidentes – criou-se um termo para tal situação, estar “dentro do armário” (Santos & Gomes, 2016). Tal condição de vida dupla pode vir a causar estados conflitivos no indivíduo, pois a qualquer momento pode ser descoberto; ao mesmo tempo, assumir uma orientação sexual que não é presumida, também pode vir a lhe causar prejuízos, muitas vezes profissionais (Rabelo & Nunes, 2017). Por outro lado, pode agregar ao casal o ingrediente da cumplicidade e do apoio ante situações de preconceito (Rosado, Barbosa, & Wagner, 2016).

Os estudos de gênero objetivaram denunciar as estratégias que estruturaram o ideário de uma sociedade normativa que ainda hoje se pauta pela branquitude, misoginia e heteronormatividade, com menos-valia aos que não correspondem a essas normas (Gama, 2019). Uma delas é a promovida pelos discursos que, repetidos à exaustão, terão algumas de suas partes condenadas e punidas, quando não, reprimidas, ficando todos os demais afetos e desejos tidos como patológicos e anormais (Abreu, 2020). Hoje todos os órgãos normativos relativos à saúde não mais associam a vivência homoafetiva com disfuncionalidade – a partir das lutas do movimento LGBT, conquistas

fundamentais foram obtidas. A primeira delas, a retirada da categoria de distúrbio psicossocial dos manuais de saúde mental, em 1995 (Carmo & Cunha, 2017).

Se por um lado grande parte da sociedade apoia a conquista de direitos pela comunidade LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Intersexos etc.), por outro grande são os entraves inclusive para a manutenção dessas aquisições – como esclarece Dias (2018), com altos índices de assassinato dessa população, bem como comprometimento de autoestima, ocorrência de depressão e de ideação suicida, no último caso, principalmente nos jovens (Silva et al., 2021). Cumpre recuperar que ainda hoje a homoafetividade é punida por morte em países asiáticos e africanos, enfrentando hostilidade expressa em alguns dos países do leste europeu (ILGA, 2017). Correntes conservadoras religiosas, presentes na atuação profissional de psicólogos que deveriam ser regidos pela ciência, também exaustivamente tentam legitimar a chamada “cura gay”, tratamento que busca a reversão à homossexualidade, patologização proibida pelo Conselho Federal de Psicologia desde 1999 (Macedo & Sívori, 2018).

A questão que norteia esta pesquisa é a de compreender como casais homoafetivos longevos, ou seja, com mais de 30 anos de vida em comum, com a assunção de suas homossexualidades e lesbiandades em época que os condenava, construíram suas conjugalidades sem contar com a sustentação familiar e institucional, considerados fundamentais para o casal se estabelecer. A conjugalidade homoafetiva na meia idade, dessa forma, dá-se a conhecer de forma a propiciar com que se compreenda como seus integrantes vivenciaram o legado heteronormativo que receberam, bem como algumas das dinâmicas psíquicas que estruturaram o casal, a partir de uma leitura vincular.

A pertinência do tema e a conseqüente discussão de seus resultados vêm a destacar alguns aspectos, como a importância das narrativas para a compreensão de singularidades provenientes de população não-clínica e, portanto, não queixosa, bem como a relevância que as relações amorosas têm na vida humana. Assim, pretendeu-se

ampliar os temas de pesquisa com relação ao par homoafetivo que, como bem apontaram Oliveira e Sei (2018), ainda é pouco expressiva nos bancos de dados brasileiros; quando se acrescenta a categoria de longevidade ao casal, passa a ser raridade.

## **Método**

Pesquisa exploratória sob o enfoque clínico-qualitativo (Turato, 2013), no qual a busca de sentidos e significações dos fenômenos se deu pela escuta da pesquisadora, de suas observações e interpretações, elegendo os fenômenos como elementos de análise. Dessa forma, todas as apreensões subjetivas, além das informações objetivas, fizeram parte do material analisado.

## ***Participantes***

Foram investigadas duas parcerias homoafetivas, uma de homens e uma de mulheres, com 32 anos e 40 anos de conjugalidade, respectivamente, sem filhos, com média de idade de 60,5 anos, sendo 64 para mulheres e 57 para homens. Os casais foram contatados por meio de convite em rede social, sem discriminação de idade, sexo, etnia, religiosidade ou nível socioeconômico, somente o de escolaridade (Ensino Médio).

Esta investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (CEPH-IP), com assinatura de anuência dos participantes por intermédio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes próprios utilizados são fictícios, impossibilitando a identificação dos integrantes dos casais.

## ***Instrumentos***

Entrevista semidirigida realizada com o casal em conjunto, em sua residência, em um período mínimo de 4 horas e máximo de 5 horas, com roteiro de perguntas ligado a

quatro eixos temáticos: 1) história de vida das famílias de origem, 2) história e trajetória do casal, 3) assunção da sexualidade e 4) dinâmicas conjugais.

### *Análise de dados*

Os dados, gravados e transcritos integralmente, foram analisados sob a perspectiva de seu conteúdo (Bardin, 2011), em seus aspectos manifestos e latentes, sob os conceitos da psicanálise vincular e da topologia de casal desenvolvida por Puget e Berenstein (1993).

## **Resultados**

### *Casal 1 - Dani e Nancy*

Dani, 66 anos, nível universitário (duas graduações), empresária; Nancy, 62 anos, graduação e mestrado, conheceram-se por meio de uma amiga em comum quando tinham, respectivamente, 26 e 22 anos, atraindo-se fisicamente uma pela outra. Para Nancy, à época, esse conhecimento correspondeu às fantasias que desde criança tinha com mulheres, até então só se envolvera com homens, exceção a beijos trocados com uma amiga na juventude. Já para Dani o encontro entre elas desencadeou um conflito, pois havia rompido com uma colega de faculdade com quem tivera um relacionamento por quase três anos e decidido não mais se envolver com mulheres: “É, não me sentia muito confortável. Mas era socialmente, né? Comigo mesma, comigo, estava ótimo!” É então que decide passar uns meses no exterior, depois de um ano de namoro com Nancy, tentando fugir dessa situação; todavia não sustentou a distância e retornou antecipadamente. A partir de seu retorno, e sem referência a separações ou traições, estão juntas há 40 anos.

Dani tem sua origem em família tradicional, dizendo ter alegria em reconhecer em si a característica do apaixonamento, tal como seus pais. Identificando-se com a figura paterna, herdou dele um comércio, tendo triplicado o patrimônio, empregando atualmente mais de uma centena de funcionários em sua rede varejista, inclusive seu

irmão e sobrinhos. Mas, ao ficar ao lado de Nancy e optar por não ter filhos, promoveu uma ruptura familiar, visto que havia a tradição materna de, a cada filha nascida se alternavam os nomes de Daniela ou Thereza. Os conflitos com sua mãe desde sempre foram severos, tendo se intensificado quando as duas foram morar juntas, após três anos de namoro. Somente com o passar do tempo a situação se transformou. Ao final, quando a mãe queria algo da filha, pedia ajuda a Nancy. Esta última, por sua vez, teve história peculiar, necessitando dos cuidados de uma irmã que lhe era 17 anos mais velha, pois sua mãe, após o nascimento do penúltimo filho, foi diagnosticada como esquizofrênica, tratada com eletrochoque, com sequelas que a deixou uma mãe ausente.

Nancy e Dani hoje habitam o apartamento no qual os pais de Dani moraram, com retratos de ambas as famílias espalhados no ambiente. Nancy não se refere ao seu legado como inibidor quanto ao exercício da homossexualidade, tanto que diz não ter experienciado os conflitos vivenciados por Dani. Seu modelo de relacionamento lhe foi dado, principalmente, por seus irmãos, o que possivelmente a deixou mais livre em suas próprias escolhas.

Personificando a discrição como um valor que norteou o casal por toda a sua existência, elas se declaram relativamente fechadas socialmente, ou seja, têm amigos em comum há muitos anos, também casais homoafetivos de mesmo nível socioeconômico. Não possuem amigos heterossexuais, nem amigos individuais; sempre que podem estão juntas.

Ambas colocaram a necessidade do disfarce como algo presente na vida do casal, exemplificado pelo fato de, em todos os apartamentos em que moraram, sempre ser mantido um “quarto da Nancy”. Na casa de praia adotaram outra solução: mobiliaram todos os quartos com cama de casal, o que foi notado pelas irmãs de Nancy, em aspecto crítico, como se fosse algo bastante estranho.

A palavra “estranho” pode bem definir alguns dos sentimentos que ambas vivenciavam com relação às próprias lesbiandades, a mostrar algumas dificuldades de

inserção que sexualidades dissidentes provocam no contexto social. A não exibição de comportamentos afetivos publicamente é uma delas. Porém deixaram claro ser a atração física um ponto forte no par - até hoje mantinham sexualidade ativa. Dani disse ser consequência, talvez, do tipo de vida que tinham, enfatizando as viagens que sempre fizeram, condição *sine qua non* para elas permanecerem bem.

Nancy contou que, quando menopausou, passou por sintomas muito desconfortáveis, ondas de calor muito fortes e libido muito baixa, tendo o mesmo acontecido com Dani, e elas ficaram alguns meses sem ter relações sexuais. Mas, como definiu Nancy, "*Ficar sem transar é uma porta aberta*". Com isso, decidiram enfrentar a falta de libido com criatividade, superando a crise.

Hoje, no dizer de Dani, "*alcançaram a idade da serenidade*" – levaram alguns minutos para tentar lembrar a última vez em que haviam brigado, não recordando o motivo. Todavia nem sempre foi assim: no início da relação elas tiveram crises provocadas principalmente por ciúmes, quando Nancy começou a trabalhar em um local onde os funcionários tinham o costume de se encontrar para uma happy hour, sendo elogiada por alguns deles na frente de Dani, que, por conta do disfarce, tinha que fingir estar alheia a esta situação. Porém tinham como acordo tácito o de nunca dormirem brigadas – de uma maneira ou outra, conversas aconteciam depois dos atritos.

### ***Casal 2 - Donato e Tomás***

Donato, 60 anos, nível superior, classe média alta, descreve-se como extrovertido, afetivo, curioso, esteta - e distraído; Tomás, 54 anos, nível superior, aposentado, apresenta-se de forma mais séria, dizendo-se o oposto, ou seja, pragmático e objetivo, mas com senso de humor. Realizador, fez duas faculdades e conquistou independência financeira mediante seu trabalho. Possuindo ampla rede de amigos heterossexuais e homossexuais, tanto individuais quanto do casal, são discretos socialmente, porém não

escondem o fato de serem um casal. As tarefas domésticas são divididas paritariamente, a partir do que preferem fazer.

A história que contam é comum a grande parte de sua geração frequentadora das boates gays paulistanas. Donato tinha 29 anos, vindo de uma relação de cinco anos em que se sentia sufocado. Tomás estava com 24 anos, relacionando-se superficialmente com homens. Os dois foram atraídos, a princípio, por seus atributos físicos: Tomás gostava de “*homens-urso*” (fortes, peludos, com barba e bigode), e Donato correspondia a isso. Por sua vez, Donato gostava de homens bonitos, e Tomás tinha esse perfil, além de ser alto, outro atrativo.

Donato disse ter reconhecido em Tomás os valores que admirava em seu pai, o de ser trabalhador e ter conquistado tudo com o seu próprio esforço. Por sua vez, Tomás revela ter ficado impressionado com Donato, pelo jeito, sua cultura, o modo como vivia - comparada à sua. Para ele, Donato era um *bon vivant*. Além de tudo, gostava de ser homossexual, já havia se assumido inclusive para a família há muito tempo.

Donato podia oferecer a Tomás algo diferente de tudo o que até então ele havia tido, pois somente tinha se sentido livre para experimentar a sua primeira relação sexual com um homem já sendo um adulto, após a morte do pai. O progenitor de Donato teve origem modesta, trabalhou ainda criança; arduamente construiu um expressivo patrimônio, propiciando vida de alto padrão à família. De índole mansa, conciliador, casou-se com a mãe de Donato, mulher muito bonita, tendo verdadeira paixão por ela, dedicando-se somente à mulher e aos filhos. A casa familiar, então, foi descrita como tendo ambiente respeitoso e afetivo, principalmente entre seus pais, que se davam muito bem, sem espaço para palavras chulas ou atos menos nobres – palavrões eram solenemente proibidos.

A família de origem de Tomás também possuía a marca do trabalho – os homens saíam no início da semana e somente aos sábados estavam disponíveis para transacionar afetos com os filhos e as esposas. Somente a partir da aposentadoria do pai é que este

veio a ficar mais próximo, e aí, sim, passou a ser um grande companheiro para a esposa. Em sua fala transparece o casamento romântico: *“Primeiro, eles não brigavam, eles tinham harmonia. E que mais? Assim, fidelidade, porque nunca se soube, nem de um lado, nem do outro, às vezes, ai, o homem era mulherengo, não tinha isso. Eles eram bem companheiros.”*

Eles namoraram por três anos, mas terminaram por Donato ter ganhado do pai uma viagem à Europa. Seu retorno foi antecipado e reataram, mantendo o namoro por mais 12 anos, até Tomás comprar o apartamento em que moram. Quando a mãe de Donato faleceu, há quinze anos, começaram a viver juntos. No conjunto, estão vinculados há 31 anos.

Os conflitos iniciais consistiam na dificuldade de Tomás em assumir o relacionamento – seis meses foram necessários para se encontrar com Donato à luz do dia. Donato, por sua vez, tendo tido a possibilidade de viajar, rompeu a relação para viver um ano em outro país. Este tempo foi fundamental, pois aprofundou o conhecimento de ambos através de cartas trocadas diariamente.

Com Tomás, Donato se tornou uma pessoa engajada em seu trabalho; através do senso de realidade do companheiro, consegue se manter melhor. Donato, por sua vez, com a naturalidade com que encara a homoafetividade, auxiliou Tomás a entender e aceitar sua sexualidade. Sendo o mais falante, expressa o que pensam sobre as diferenças individuais: *“Combinado não é caro”*, ou seja, entram em acordo para os desejos não compartilhados.

## **Discussão**

Os sujeitos apresentaram similaridade em relação aos marcadores de classe socioeconômica e etnia, com perfil associado ao estrato médio alto paulistano, brancos e católicos não praticantes, com a conclusão do terceiro grau, provindos de famílias com origem na imigração europeia. Outras similitudes foram observadas, como o fato de serem casais discretos, não expressarem seus afetos em público, não se legalizarem nem

terem essa preocupação, apresentando-se sob os biotipos cisgêneros, sem diferença visível em relação a serem ou não homoafetivos. Em outras palavras, não correspondiam aos estereótipos de mulheres masculinizadas e homens afeminados.

Hoje na meia-idade, subjetivaram-se sob padrões heteronormativos rígidos das décadas em que nasceram e cresceram, o que fez com que buscassem estratégias de enfrentamento para conseguirem vivenciar seus afetos – o “quarto de Nancy” é representativo desse disfarce. A invisibilidade e a vida dupla, como capa protetiva, impuseram ditames para que pudessem amar a quem escolheram.

Do ponto de vista da análise vincular, percebemos que Dani e Nancy construíram uma relação mais fechada - estão socialmente sempre juntas, embora cada uma tenha seu trabalho e interesses próprios. A dedução a qual chegamos é a de que este casal possui configuração fusionada, sem muito espaço para a alteridade – daí a ausência de amigos heterossexuais ou próprios a cada uma, bem como o fato de sempre estarem juntas. Associamos essa dinâmica vincular à necessidade que ambas tiveram de se preservar, e à sua união, que talvez tenha funcionado como um instrumento de manutenção da integridade do par, sob forte ataque da mãe de Dani (McKenzie, 1992).

Ressaltamos que, na literatura, em grande parte casais fusionados têm dificuldade de lidar com a realidade, ou seja, como vivem idealmente uma fantasia de completude, podem vir a se frustrar quando em contato com as limitações impostas no dia a dia (Magalhães, Féres-Carneiro, & Gorin, 2013). Este dado não foi observado nesse casal, o que nos faz refletir sobre a adequação do dispositivo conceitual para abranger relações de casais de mesmo sexo, pois acreditamos que, no caso delas, aplicou-se com propriedade o fato de que a escolha da parceira veio a possibilitar a estruturação e a organização de cada uma e, mais do que tudo, a oportunidade para se redesenhar ao lado da outra (Magalhães, 2003).

Aventamos, assim, que no caso do casal Dani e Nancy, houve a reinvenção do ideal do grupo familiar (Kaës, 2001) - embora rompido em sua estrutura formal, dado

que Dani não se casou sob a heteronormatividade e nem teve uma filha para nomear de Theresa, algo esperado das mulheres de sua geração. Mas o início da relação foi marcado por embates com sua mãe e dificuldades para lidar com os ciúmes que sentia por Nancy, elementos encontrados em uniões recentes justamente por ser um período de adaptação e que requer investimento paritário de seus membros (Costa, Cenci, & Mosmann, 2016).

O casal Dani-Nancy representa, porém, algo da ordem do não-nomeado, pois embora exista o reconhecimento tácito do vínculo conjugal, não há um lugar definido na linguagem falada. Cunhou-se a frase *Don't ask, don't tell* ("Não pergunte, não conte", em tradução livre) para se referir à invisibilidade solicitada aos soldados americanos quando de seu ingresso nas forças armadas do país, a partir do final da década de 1990, para que não expusessem suas preferências sexuais, algo que se reconhece ser extensivo aos demais ambientes (Orel & Fruhauf, 2015). Acreditamos que a linguagem acompanha as mudanças sociais, assim é que atualmente, com a eclosão da parentalidade homoafetiva, termos antes restritos ao ambiente heterossexual são também utilizados pelas famílias LGBTI+, mas é fenômeno recente, distante das vivências dos sujeitos da atual pesquisa.

Os dados obtidos nos levaram a considerar que Donato e Tomás personificaram o formato em que havia apoio mútuo e respeito às diferenças, desejo e vontade em estar junto, e no qual as conversas eram entendidas como valor máximo e ponto nevrálgico dos acordos, considerados necessários por eles, perfazendo a tipologia da terceiridade ampla preconizada por Puget e Berenstein (1993). Dessa forma, eles exemplificavam dinâmicas conjugais que apresentavam períodos de fusionalidade alternados com os de alteridade. Momentos conflitantes ou problemáticos, por exemplo, exigem por vezes a força somada dos dois, sem frestas na união; outros, em contrapartida, por vezes são conquistas pessoais que podem ser comemoradas com o par, mas que têm significado individual (Moguillansky & Nussbaum, 2017). Considerou-se o vínculo amoroso de Donato e Tomás como herdeiro dos casamentos dos pais no aspecto de companheirismo

e respeito mútuo, entretanto construiu sua singularidade a partir da flexibilização dos papéis de gênero, da quebra de hierarquia, da divisão de tarefas e do exercício entre individualidade-conjugalidade.

O termo “dentro” ou “fora” do armário é revelador do posicionamento existencial dos que se subjetivaram sob sexualidades dissidentes, sendo considerado a “saída do armário” como um fator de empoderamento do indivíduo (Rabelo & Nunes, 2017). Em outras palavras, não se assumir homoafetivo pode evocar o sentimento de vergonha por se sentir diferente, algo que ocorreu tanto em Dani quanto com Tomás, quando do reconhecimento de seus desejos. Talvez o fato de Nancy e Donato serem pessoas que se sentiram bem ao se descobrirem homoafetivos, não se referindo a conflitos dolorosos, possa ter criado certo balanceamento emocional em Dani e Tomás, possibilitando que ambos elaborassem suas ambivalências com relação ao forte legado heteronormativo que receberam - Tomás não conseguia se sentir gay à luz do dia, o que claramente denota embaraço por seus desejos.

Para o casal Donato e Tomás, também houve o rompimento do ideal do grupo familiar, mas consideramos que este foi o deflagrador do ideal do sujeito (Kaës, 2001) – nenhum dos dois nunca desejou ser pai, nem buscou o estatuto oficial de casado. Nem mesmo fizeram testamento para garantia de direitos, pois gostavam da vida independente que tinham - não desejavam o modelo heteronormativo, não faziam uso de nomes pertencentes a esse universo, como sogra, cunhados etc.

Em termos de comparação com resultados de outros estudos, os dois casais não tipificaram pesquisas que sugerem que homoafetivos rapidamente consolidam a relação com o morar juntos (Esteca & Gomes, 2018; Oliveira & Sei, 2018), pois ambos demandaram certo tempo de amadurecimento, inclusive com viagens individuais que permitiram a reafirmação do sentimento – as cartas entre Donato e Tomás, bem como entre Dani e Nancy foram parte integrante da construção das relações. Foi a partir da distância que ambos se reconectaram com seus afetos e se vincularam em seus retornos.

Os casais não fizeram referência, na vida atual, de algum incômodo por viverem sob certo sigilo – o de homens, embora discretos, é reconhecido pelos familiares e amigos heterossexuais; o de mulheres está completamente sob o disfarce social. Mas embora não tenha havido queixas atuais a conflitos da assunção homoafetiva, consideramos que este é um aspecto de caráter ambíguo, visto que a clivagem entre os mundos interno e externo, a vivência dupla, o disfarce, pode ser foco de conflitos e angústias, ainda que inconscientes (Dacorso, 2016; Dias, 2018).

Uma variável que julgamos importante para futuras investigações é a do momento de vida em que acontece o reconhecimento da homoafetividade: somente uma das mulheres tinha tido experiência sexual com namorados na juventude; os demais, somente contatos adolescentes que não passaram de beijos, ou seja, tinham vidas exclusivamente homoafetivas. De igual forma, não foram relatados casos extraconjugais ou desejos de separação, o que pode vir a sugerir que o fato de não terem filhos pode ter sido um fator importante com relação a dificuldades conjugais, dado que a constituição de prole gera um ambiente propício a desentendimentos no casal (Mosmann & Falcke, 2011; Goulart et al., 2019).

Possivelmente a conjugalidade não sobreviveria a três e quatro décadas com um discurso que expressa satisfação, sem ser queixoso, se não houvesse similaridade entre os investimentos feitos, bem como o cumprimento de acordos e do reconhecimento da alteridade. De igual forma, por ter sobrevivido a várias fases do ciclo humano de seus integrantes, depreende-se que os dois casais conseguiram se desenvolver em termos de alcançar a flexibilidade que permitiu abarcar as transformações individuais e a própria dinâmica do par, em incessante dinamismo e rearranjos de projetos de vida (Alves-Silva & Scorsolini-Comin, 2017).

O material apresentado nos remete a algumas reflexões importantes para a compreensão do tema, a começar pelo fato de que, embora as pesquisas indiquem que a revelação de ser homofetivo seja um passo importante para a consolidação da

identidade, é um movimento com comprometimento absolutamente singular, pois, ao mesmo tempo em que pode fortalecer o casal, também o expõe a estranhamentos e críticas. Assim, manter-se discreto, principalmente para a geração que tem mais de 60 anos ou está próxima disso, é, além de estratégia, um estilo de vida (Knauer, 2011). O chamado “armário” não é vivido como prisão, mas antes como condição protetiva. Por outro lado, deduzimos que, a partir de uma sociedade mais inclusiva e tolerante, pessoas antes marginalizadas se sentirão livres para assumir ser quem são. Isso aconteceu com Dani e Nancy - ao término do processo de coleta de dados com o casal, comunicaram à pesquisadora haver decidido não mais manter o “quarto da Nancy”.

A análise dos dois casais demonstrou que as alianças amorosas homoafetivas podem ser construídas e permanecerem estáveis no tempo mesmo quando vivenciadas no anonimato e sem apadrinhamento social, a não ser o conferido pelo grupo de iguais, o gueto (Pollak, 1985). A partir dos dados desta e de outros estudos, alguns posicionamentos necessitarão ser revistos, já que não se pode considerar a malha simbólica heteronormativa como exclusiva. Como esclarece Ribeiro (2016, p. 101), “*Se o respeito às diferenças e à alteridade do outro estão presentes, não há motivos ou razões para considerarmos uma manifestação estranha a nós como patológica.*”

A compreensão da dinâmica de funcionamento psíquico e social dos dois casais dessa pesquisa vêm contribuir para o entendimento da conjugalidade longa homoafetiva e suas especificidades, a fim de que este conhecimento venha a beneficiar os que lidam com este grupo, auxiliando na construção de uma comunidade amorosa (Hooks, 2018), amalhada dinamicamente sob a diversidade. Com isso, abre-se espaço para vivências cuja vincularidade do par está pautada na alteridade e no respeito às diferenças, em relações criativas e que permitem o desenvolvimento de ambos, e não em seu oposto e possível violência (Ribeiro, 2016).

## Considerações finais

Os resultados apresentados têm um caráter ilustrativo, dado o número de sujeitos reduzido e sem os cruzamentos com marcadores como o da etnia e gênero; porém, somados a outras investigações, permitem o conhecimento de experiências individuais e vinculares de população não-clínica. Dessa forma, despertam a revisão e ampliação de conceitos teóricos e de manejo, cujas origens se encontram associadas ao modelo tradicional da família, ainda simbolicamente atada à heteronormatividade (Dias, 2018).

Assim, intentou-se um novo olhar para as perspectivas que ainda reputam à diferença sexual o caráter de exclusividade na definição de conjugalidade, na tentativa de contribuir para a criação de um imaginário que possa conter as variadas expressões da sexualidade, de forma a beneficiar a todos na construção de uma sociedade diversa e de um fazer clínico realmente inclusivo (Pombo, 2018).

Portanto, cabe a psicólogos e psicanalistas estarem atentos com a contemporaneidade e a aceleração de mudança de costumes na esfera do gênero e da sexualidade, desconstruindo conceitos atados aos seus respectivos períodos históricos, com ampliação do olhar para as novas configurações amorosas (Gaspodini & Falcke, 2018). Com isso, torna-se necessário o acolhimento dessas expressões afetivas, inclusive com revisão da prática clínica, de modo que se possa evitar o sectarismo e a homofobia instalada na sociedade e, eventualmente, nos settings psicoterápicos e psicanalíticos (Martins, Leite, Porto, & Leite Netto, 2014).

## Referências

Abreu, A. C. da S. (2020). Sexopolítica: a biopolítica na constituição dos corpos abjetos. In A. C. A. Viana et al (Org.). *Pesquisa, gênero & diversidade: memórias do III Encontro de Pesquisa por/de/sobre mulheres*, 2 (pp. 145-162). Curitiba, PR: Íthala. Retrieved from <https://www.ithala.com.br/wp-content/uploads/2020/04/ebook-pesquisa-genero-e-diversidade-volume-2.pdf>

- Alves-Silva, J. D., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32-50. doi: 10.4013/ctc.2016.91.03
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto, & A. Pinheiro, trads.). São Paulo, SP: Edições 70.
- Berenstein, I. (2011). *Do ser ao fazer. Curso sobre vincularidade*. (M. Seineman, trad.). São Paulo, SP: Via Lettera.
- Bulamah, L. (2016). *História de uma regra não escrita: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico*. (1ª. ed.). São Paulo, SP: Annablume, 227p.
- Butler, J. (2020). *Corpos que importam. Os limites discursivos do "sexo"*. (V. Daminelli, & D. Y. Françoli, trads.). São Paulo, SP: n1 edições: Crocodilo Edições. 400p.
- Campos, S. O., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos (2017). Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. *Psic. Clin.*, 29(1), 69-89. Retrieved from [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652017000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000100006)
- Carmo, J. A. do., & Cunha, A. G. (2017). As experiências de vida e os desafios de homossexuais brasileiros: uma revisão sistemática. *Rev. Psicol. Saúde e Debate*, 3(1), 141-157, doi: 10.22289/2446-922X.V3N1A10
- Cerqueira-Santos, E., Silva, B. B., Rodrigues, H. dos S., & Santos, L. dos (2016). Homofobia internalizada e satisfação conjugal em homens e mulheres homossexuais. *Contextos Clínicos*, 9(2), 148-158. doi: 10.4013/ctc.2016.92.01
- Clemente, A. (2018). Diálogos entre saúde mental e homossexualidade: notas sobre produção de subjetividade, sofrimento e opressão. *REBEH, Rev. Bras. de Estudos de Homocultura*, 02(1), 42-58. Retrieved from <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/203/159>
- Conselho Nacional de Justiça (2013). *Resolução no. 175*. Retrieved from <https://www.anoreg.org.br/site/2020/05/14/norma-do-cnj-que-permite-casamento-civil-homoafetivo-completa-7-anos/>
- Costa, C. B., Cenci, C. M. B., & Mosmann, C. P. (2016). Conflito conjugal e estratégia de resolução: uma revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 24(1), 325-33. doi: 10.9788/TP2016.1-22
- Dacorso, S. T. de M. (2016). Enfim juntos! Conjugalidade homoafetiva. *Estudos de Psicanálise*, 46, 165-174. Retrieved from [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372016000200018](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000200018)
- Dias, A. R. M. (2018). *Gays e lésbicas: percursos, interações conjugais e projetos de parentalidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Portugal. Retrieved from [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9387/1/6046\\_12665.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9387/1/6046_12665.pdf)

- Esteca, F. M., & Gomes, I. C. (2018). A heteronormatividade e seus reflexos na vincularidade lésbica. In I. C. Gomes (Coord.). *Homoafetividades: dinâmicas conjugal e parental* (pp. 39-57). São Paulo, SP: Zagodoni.
- Gama, M. C. B. da. (2019) Cura gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 31, 4-27. doi: 10.1590/1984-6487.sess.2019.31.02.a
- Gaspodini, I. B., & Falcke, D. (2018). Relações entre preconceito e crenças sobre diversidade sexual e de gênero em psicólogos/as brasileiros/as. *Psicol: Ciência e Profissão*, 38(4), 744-757. doi: 10.1590/1982-3703001752017
- Gomes, M. do S. L. (2017). *No entre dois: o vínculo do casal*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, Brasil. Retrieved from gomes\_msl\_dr\_assis\_int.pdf (unesp.br)
- Goulart, S. A., Oliveira, A. C. G. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2019). Fatores relacionados aos casamentos de longa duração: panorama a partir de uma revisão integrativa. *Psico*, 50(2). doi: 10.15448/1980-8623.2019.2.30370
- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par. Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond.
- Hooks, B. (2018). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. (7ª. ed.). (A. L. Libânio, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos.
- ILGA. (2017). International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association. *Maps – sexual orientation laws*. Retrieved from <https://ilga.org/maps-sexual-orientation-laws>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). *Casamentos que terminam em divórcio duram em média 14 anos no país*. Retrieved from <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/22866-casamentos-que-terminam-em-divorcio-duram-em-media-14-anos-no-pais>
- Kaës, R. (2001). Introdução. O sujeito da herança. In R. Kaës et al. (Orgs.). *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-25). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. (J. L. Cazarotto, trad.). São Paulo, SP: Ideias & Letras.
- Knauer, N. J. (2011). *Gay and lesbian elders. History, law, and identity politics in the United States*. Great Britain: Ashgate Publishing Limited.
- Macedo, C. M. R. de., & Sívori, H. F. (2018). Repatologizando a homossexualidade: a perspectiva de “psicólogos cristãos” brasileiros no século XXI. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(4), 1415-1436, doi: 10.12957/epp.2018.42242
- Magalhães, A. S. (2003). Transmutando a subjetividade na conjugalidade. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (pp. 225-243). São Paulo, SP: Loyola.

- Magalhaes, A. S., Féres-carneiro, T., & Gorin, M. C. (2013). Construção da demanda em terapia de casal: “Cuidar de nós, cuidar de ti e cuidar de si”. In I. C. Gomes, & L. Levy (Orgs.). *Atendimento psicanalítico de casal* (pp. 15-27). São Paulo, SP: Zagadoni.
- Martins, E. S. T., Leite, R. L., Porto, T. S., & Leite Netto, O. F. (2014). Psicanálise e homossexualidade: da apropriação à desapropriação médico-moral. *Ide*, 36(57), 163-177. Retrieved from [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062014000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000100013)
- McKenzie, S. (1992). Merger in lesbian relationships. *Women & Therapy*, 12(1-2), 151-160. Retrieved from [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J015V12N01\\_12?journalCode=wwat20](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J015V12N01_12?journalCode=wwat20).
- Moguillansky, R., & Nussbaum, S. (2017). Bem-estares e mal-estares do amor no casal moderno. *Rev. Bras. Psicanálise*, 51(2), 33-54. Retrieved from 51-2.pdf (bvsalud.org)
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais. Motivos e frequência. *Revista da SPAGESTP*, 12(2), 5-16. Retrieved from <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5493567>
- Oliveira, A. S. G. (2019). Avaliação das motivações conscientes e inconscientes associadas à escolha do parceiro conjugal: criação do instrumento Baverc assente na psicanálise vincular. *INFAD Revista de Psicología*, 1, 41-49. Retrieved from <http://dehesa.unex.es/handle/10662/10804>
- Oliveira, G. C., & Sei, M. B. (2018). Vínculo amoroso homoafetivo e psicanálise: um estudo qualitativo. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, 26(4), 1787-1801. doi: 10.9788/TP2018.4-04Pt
- Orel, N., & Fruhauf, C. A. (2015). The intersection of culture, family, and individual aspects: a guiding model for LGBT older adults. In N. Orel & C. A. Fruhauf (Eds.). *The lives of LGBT older adults: understanding challenges and resilience*. United States: American.
- Pignataro, M. B., Féres-Carneiro, T., & Mello, R. (jul./2019). A formação do casal conjugal: um enfoque psicanalítico. *Pensando Famílias*, 23(1), 34-46. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a04.pdf>
- Pires, T., Berger, D., Fiorini, G. P., & Gastaud, M. B. (2016). Psicoterapia psicanalítica de casais e famílias: caracterização da clientela. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 18(1), 40-54. Retrieved from [http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=189](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=189)
- Pollak, M. (1985). A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In P. Ariès, & A. Béjin (Orgs.). *Sexualidades ocidentais. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. (L. A. Watanabe; & T. C. F. Summer, trads.). (pp. 54-76). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Pombo, M. (2018). Diferença sexual, psicanálise e contemporaneidade: novos dispositivos e apostas teóricas. *Rev. Lationam. Psicopat. Fund.*, 21(3), 545-567. doi: 10.1590/1415-4714.2018v21n3p545.8

- Puget, J., & Berenstein, I. (1993). *Psicanálise do casal*. (F. F. Settineri, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Rabelo, A. M.; & Nunes, S. C. (2017). "Sair ou ficar no armário"? Eis a questão! Estudo sobre as razões e os efeitos do *coming out* no ambiente de trabalho. *E & G Economia e Gestão*, 17(48), 82-97. Retrieved from [periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/17167#:~:text=Este%20trabalho%20se%20propõe%20a,sua%20orientação%20sexual%20no%20trabalho.&text=Os%20depoimentos%20sugerem%20que%20o,com%20o%20ambiente%20de%20trabalho](http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/17167#:~:text=Este%20trabalho%20se%20propõe%20a,sua%20orientação%20sexual%20no%20trabalho.&text=Os%20depoimentos%20sugerem%20que%20o,com%20o%20ambiente%20de%20trabalho)
- Ribeiro, M. F. R. (2016). Reflexões sobre conjugabilidade e parentalidade. Um caleidoscópio de constituições familiares. *Jornal de Psicanálise*, 49(91), 97-109. Retrieved from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v49n91/v49n91a10.pdf>
- Rodrigues, C. (2017). Erguer, acumular, quebrar, varrer, erguer... *Revista Serrote*. Retrieved from <https://www.revistaserrote.com.br/2017/01/erguer-acumular-quebrar-varrer-erguer-por-carla-rodrigues/>
- Rosado, J. S., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2016). Ajustamento conjugal: a função das características individuais, do casal e do contexto. *Psicologia em Pesquisa*, 10(1), 26-33. doi: 10.24879/201600100010044
- Rubin, G. (2018). *Políticas do sexo*. (J. P. Dias, trad.). São Paulo, SP: Ubu Editora.
- Santos, C. V. M. dos, & Gomes, I. C. The L Word. (2016). Discussões em torno da parentalidade lésbica. *Psicol. Ciênc. Prof.*, 36(1), 101-115. doi: 10.1590/1982-3703000092014
- Silva, P. L. N. da., Marques, A. C. R., Moreira, A. R., Fonseca, R. R., Oliveira, V. V. de., & Alves, C. dos R. (2021). Homofobia e violência de gênero contra lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros no Brasil: revisão integrativa de publicações (2010-2020). *Boletim de Conjuntura*, ano III, 5(14), Boa Vista. Retrieved from <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/219>
- Stona, J. (Org.). (2021). *Relações de gênero e escutas clínicas*. Salvador, BA: Editora Devires.
- Turato, E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. (6ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes

Agradecimento. O presente trabalho teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Submetido em: 11.01.2021

Aceito em: 10.05.2021